Noês de Março 1982

MÊS DE MARÇO

1982

DIA: 02 de março de 1982

Com colaboração da Fundação José Augusto, - foi realizado neste dia às 21:00 horas, o show musical- com as cantoras Terezinha de Jesus e Maria Odaires.

DIAS: 07 e 28 de março de 1982

Sob a direção de Jesiel Figueiredo, o Departamento Infantil do Teatro de Amadores Unidos a - presentou a peça " A Bela Adormecida", autoria de Jesiel Figueiredo.

DIAS: 09 e 10 de março de 1982

Numa promoção da Pitu Produções Artísticas Ltda, foi apresentada nas datas acima mencionadas, às - 21:00 horas, a peça de Lewis John Carlino " O Exercí - cio", com direção de B.de Paiva.

Labim/UFRN

DOMINGO — 16 HORAS — TEATRO A. MARANHÃO

JESIEL FIGUEIRÊDO

apresenta

DELMA EDNA

em

A BELA ADORMECIDA

Um espetáculo fascinante — Diferente

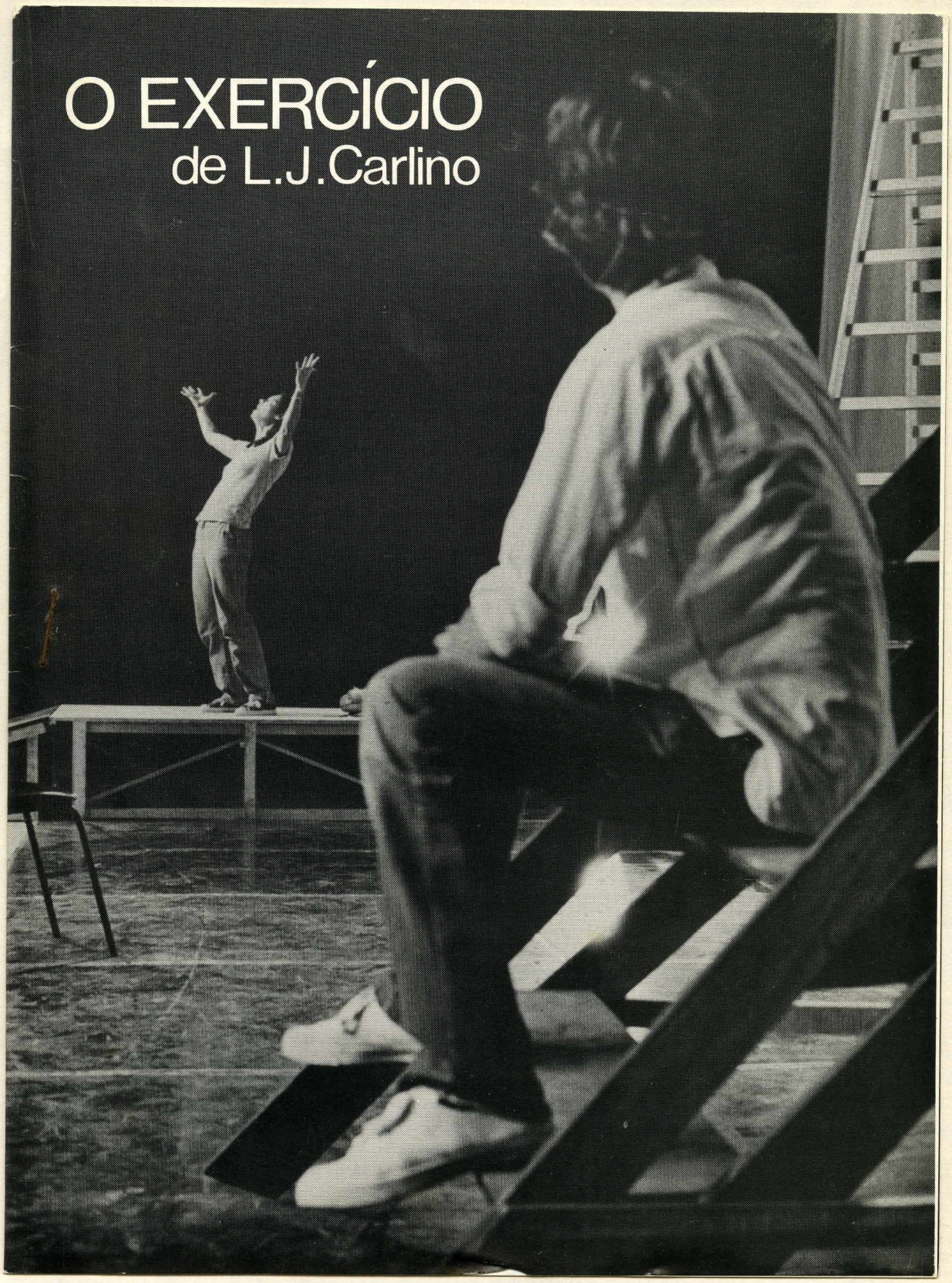
Poltronas Numeradas – Cr$ 200,00

JESIEL — Fone: 223-2195

ELENCO: — VILLA ILSON, SONIA CASTELO BRANCO, COSTA FILHO e JESIEL FIGUEIRÊDO

Nº 1463

Labim/UFRN



Labim/UFRN

Homenagem a uma hora de saudade:
A saudade de Glauce Rocha

Em 1969, Roberto de Cleto, meu colega de Escola de Teatro da Uni-Rio, trazia dos Estados Unidos uma pequena brochura, contendo a peça teatral em dois atos, "O Exercício – É este o caminho, é?", de autoria de um descendente de italianos, chamado Lewis John Carlino. Quem conhecia roteiristas de cinema sabia de sua experiência nos argumentos de vários filmes norte-americanos, (hoje Carlino já assinou alguns filmes nos "States"). O texto era – em termos – uma tradução do famoso "método Stanislavski", tão popularizado no Actor's Studio de New York e onde dois atores-personagens, através da captação das suas várias memórias, faziam laboratórios para a construção de seus papéis. Ao mesmo tempo em que o texto me chegava às mãos, por Rubens de Falco, que entusiasmara-se com a peça, numa conversa rápida concordávamos quem deveria "fazer" o papel feminino: Glauce Rocha. Fiquei credenciado a convidá-la para fazer a peça com Rubens, posto que eu já dirigira a grande atriz de teatro e do cinema-novo, em três espetáculos: "Amor por anexins", de Arthur Azevedo, "O Belo Indiferente", de Cocteau e "Um uísque para o Rei Saul", de Cesar Vieira, (peça esta que dera o "Molière" à Glauce).Na mesma noite, quase duas da madrugada, eu a convencia – depois de "severa" discussão – a que aceitasse o trabalho. No apartamento de Rubens iniciamos a leitura, usando as três cópias onde o próprio Cleto fizera a versão, diretamente e de um só fôlego, em apenas dois dias. Foram 45 ensaios de seis horas para a estréia, em fins de outubro de 1969, na cidade de Salvador, no Teatro Vila Velha, do meu querido e grande homem de Teatro, João Augusto. Esta peça deu, a ambos os intérpretes, os premios de "Melhor ator" e "Melhor atriz". Em novembro, no Teatro Dulcina, iniciávamos a temporada no Rio de Janeiro. Foi um dos espetáculos que melhor revelaram a competência e o talento desta artista (atriz qualquer uma pode ser). O espetáculo foi encenado em outro teatro no Rio, o "Gláucio Gil", nas capitais do sul do país, em São Luis e, finalmente, em Brasília, onde Glauce encerraria a sua última viagem pelo País.

Agregou-se ao grupo dos três um quarto, Carlos Kroeber. E em outubro de 1971, dois anos depois, após ter feito sua última viagem ao palco, dirigida por João das Neves em "A ponte sobre o pântano", de Aldomar Conrado, Glauce Rocha morria.

Numa página narrei a passagem do texto de Carlino na minha carreira, hoje tão bissexta, de diretor de Teatro. Por causa de Glauce, aceitei a direção do então Conservatório Nacional de Teatro e meu caminho foi mudado. Poucas vezes voltei ao palco, embora, algumas vezes, não resistisse. Hoje estou em Brasília, fazendo pouso na Secretaria da Cultura e, de repente, retorno ao sacerdócio. Ensinando na Academia Brasileira de Teatro, na UnB e participando, com os colegas do MEC, da renovação da ASMEC. Foi na Fundação Pró-Memória que conheci Iara Pietricovsky, pesquisadora de ações antropológicas e, nas horas vagas, uma "teatrômana", que já fizera, há alguns anos, o texto de Carlino, sob a direção de Dimer Monteiro, no Teatro Galpão. Eu não queria ainda por muito tempo, mexer nas minhas memórias "glaucianas". Foi uma perda muito grande para o teatro e para a posição de homem de Teatro na dura caminhada de definição de seus direitos. Glauce, assim como Cacilda, arranharam-se muitas vezes contra os "mandões" da época da "caça às bruxas" do Teatro e da sociedade brasileira. Eu vi, meninos, eu vi a moça de Mato Grosso do Sul entrar em pelejas duríssimas defendendo a regula-

Labim/UFRN

mentação da profissão e os direitos de seus colegas explorados pelos sistemas multinacionais de telecomunicações, ajudando estes que hoje são dos melhores homens de cinema do Brasil. Glauce reconhecia a televisão como escola tão boa para atores, como as melhores academias, num tempo em que o "video-tape" ainda não tinha vindo descaracterizar a transcendência do intérprete. Quando o V. T. apareceu, usurpou a característica da criatividade única, direito maior do ator, para transformá-la em um pedaço de fita onde, mesmo depois de morto, o criador do personagem ainda serve para que a empresa o usurpe e explore, lucrando sobre o que foi criado com suor, sangue e fome.

Depois de Glauce, Marília Pera voltou ao exercício deste texto, com Gracindo Jr, sob direção do renovador da "Expressão Corporal" no Brasil, Klaus Viana. Mas é um texto sempre novo, mostra como é que a gente de palco sofre para o público rir ou pensar, mesmo através do choro. Junto com Iara, um moço que eu conheci participando do "Cabeças" (um dos poucos movimentos de cultura comunitária verdadeiramente válido neste País e até mesmo nesta cidade), Guilherme Reis, que eu respeito como gente, como animador cultural e como ator, pelo resultado de seu trabalho neste exercício que hoje estréia em Brasília. Brasília, onde cheguei para me reencontrar (não seria para me encontrar?). Brasília, esta cidade onde os seus inventores pensaram que o teatro poderia ser um espaço além das paixões e que ainda não encontrou o seu tempo e a sua vez de se fazer presente pelos seus próprios inventados. Esta cidade-cenário do universo "americano", onde o palco é em toda parte e se faz "pano de fundo" das decisões em que, ainda, o povo não pode ser, de verdade, onde não se escreveu a sua grande tragédia, porque brasileiro não pode ser trágico, posto que é feito de alegrias e de liberdades, mesmo que tardias.

Um dia – nos idos de 1968 – era janeiro e eu estreava aqui a peça de Cezar Vieira, "Um uísque para o Rei Saul", a convite da Fundação Cultural do Distrito Federal. Treze anos depois, nesta mesma FCDF, neste mesmo Teatro Martins Penna, tantas vezes reinaugurado, eu volto para, com moços que nasceram ou foram forjados na infância que traziam de longe, numa cidade "jardim de infância, reinventar-me, talvez . . . Eu acredito que está na hora desta urbe, em tempo de "maioridade", fazer os seus vôos nacionais. Aqui, onde a própria Nação se reune para decidir destinos e que não pôde ainda treinar tempo e espaço para os que lhe fazem, anônimos. Nesta cidade onde existe mais espaço cultural do que em qualquer canto do Brasil, onde há no domingo da "Torre" o verdadeiro corredor cultural, nesta cidade em que as gentes ainda não souberam ocupar seus espaços. Que é hora de fazê-lo, todos sabemos.

Importante aqui não é apenas o fato de gente jovem de Brasília fazer um teatro adulto do mundo, mas de uma entidade que junta funcionários de educação e cultura, num lazer e já no pensar de um "fazer" artístico que pode transformar-se em "fazer" cultural, a ASMEC (Associação dos Servidores do Ministério da Educação e Cultura) a quem devemos a oportunidade de apresentar, pelo Grupo PITU, esta encenação. Sem Teatro, Igreja, Biblioteca e Tribunal uma cidade não pode ser considerada madura. É no Teatro que a gente sofre os choros do homem, agride-o no riso e repensa-o no trágico espaço da sociedade. Teatro é canto, lugar de canto e pranto . . . e é pra tanto que os atores fazem este lamento de gesto e fala, de esgar e vagar, da alma e do corpo sofrido, na angústia da máscara e no mistério da cena.

B. de Paiva

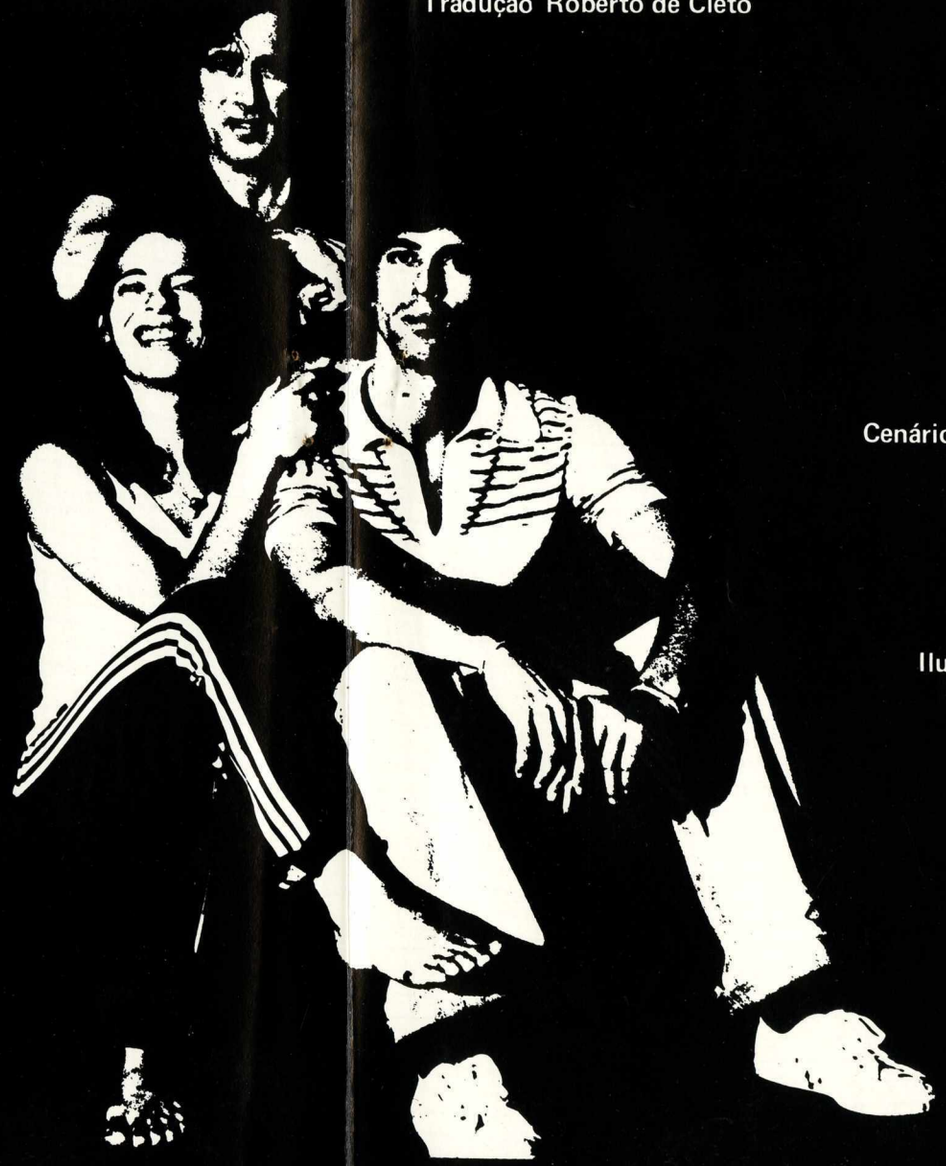
Labim/UFRN

ASSOCIAÇÃO DOS SERVIDORES DO MEC (ASMEC)
PITU PRODUÇÕES ARTÍSTICAS LTDA.
CENTRO BRASILIENSE DE ARTE E CULTURA (CABEÇAS)

Apresentam

O EXERCÍCIO

de Lewis John Carlino
Tradução Roberto de Cleto



Direção: B. de Paiva

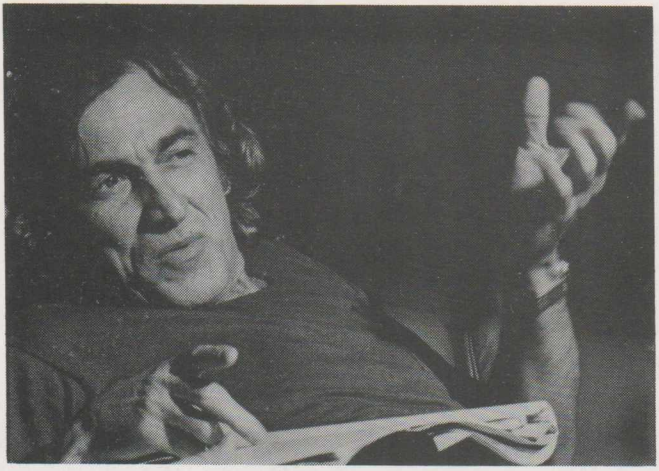
Elenco: Iara Pietricovsky
Guilherme Reis

Cenário e Figurino: B. de Paiva,
Iara ,
Guilherme e
Nanduca

Iluminação: Fernando Villar

Fotos: Yugi Makiuchi,
Arthur Costa
e Kim

Programação Visual: Carol Abreu
e Rosival



B. DE PAIVA

Nascido no nordeste.
Não a primeira letra, mas a segunda,
em homenagem à B. de Mille, (B. de Micho, como era chamado aos 16 anos).
"Ponto", carpinteiro, eletricista e "contra-regra".
Amador de teatro, nos tempos do Ceará. Depois, "Teatro do estudante", (o Duse, de Paschoal Carlos Magno) onde
foi ator, diretor e professor, até chegar a dirigi-lo,
administrativamente e artisticamente.

Jornalista, autor de peças, poemas.

Premiado várias vezes, "melhor ator e diretor",
(não sei se merecidamente)
Profissional, em coisas feitas no palco, no "set"
e nos "studios". Assim, de radio, teatro, cinema e televisão;
(Como autor, ator e diretor) . . .
Que Gênio! ! !
Contando o número de peças feitas,
mais de 200.
Sindicalizado, como Diretor e Cenógrafo.
Criador de grupos: Teatro Experimental de Arte, Teatro Rural do Estudante, O Grupo de Teatro, o Teatro Universitário da UNE, o TU da Universidade do Ceará, e mais uns três ou quatro.
Hoje professor de Teatro: da UNI-Rio, da UnB,
da Fundação Brasileira de Teatro, da Universidade Federal do Ceará. Funcionário público da Secretaria de Cultura – Fundação Nacional Pró-Memória.
Ex- muita coisa, até ex-reitor. (A melhor coisa é se ser "ex-"; dá saudade, mas a gente descansa, por não errar mais).
Livros e peças publicadas.

Tanta coisa mais, pelo Brasil.

Labim/UFRN



IARA PIETRICOVSKY

O que poderia dizer sobre minha vida no teatro?

Me lembro, eu ainda era criança, minha mãe, Silvia Orthof, Murilo Eckardt e uma outra pessoa que não me lembro o nome, organizando o Teatro do Candanguinho, aos sábados no auditório da TV Brasília. Esse mundo mágico, onde as verdades são ditas através da mentira, do faz-de-conta, me encantava.

Consegui entrar pela primeira vez no palco (realmente) quando tinha 15 anos. Eu era então iniciada por Lais Aderne, mulher fundamental na formação de muita gente ligada às artes em Brasília. E daí por diante, continuei andando neste rumo (trabalhei com Delphy Vasnough, Hugo Rodas, etc.), com uma ligeira parada para fazer dois filhos e uma casa (tarefas árduas e cansativas, porém gratificantes).

Terminada essa fase decidi voltar para o "mundo mágico", mais madura, com mais certezas e centenas de dúvidas. Mas é isso mesmo. Estou voltando, para continuar o eterno EXERCÍCIO que é o teatro.

GUILHERME REIS

Em 72, procurando uma namorada, fui bater numa sala do Colégio Pré-Universitário onde, num ambiente "diferente" e atrativo para mim, fazia-se Teatro. Teatro adolescente! A namorada nunca mais vi e o Teatro hoje, por incrível que pareça, quase me permite sobreviver.

Três pessoas são fundamentais em toda essa estória: Lais Aderne, Dimer Monteiro e Hugo Rodas. Cada um deles, a seu modo, contribuiu para a minha formação, cada um apontando para uma necessidade, mostrando um caminho e uma possibilidade. Com cada um deles realizamos trabalhos incríveis que me marcaram e alguns, acredito, marcaram a cidade.

E assim, depois de um ano produtivo em que atuei, dirigi, produzi, ensinei e filmei, encontro o B. de Paiva e reencontro a Iara para que juntos possamos, mais uma vez, realizar este mesmo exercício de vida e amor onde estamos, na verdade, homenageando a todos os que insistem em lutar contra a mediocridade.

Labim/UFRN

Patrocínio:
ASMEC/CEF/GDF/FCDF/SEC/PITU/CABEÇAS

Colaboração:
CORREIO BRAZILIENSE
CINE FOTO GB
REDE GLOBO DE TELEVISÃO

Agradecimentos:
Grupo Pitu, Cabeças, Ari Cunha,
Itamar, Fátima, Cristina e Mariza(ASMEC)
Rosival, Ana Sueli, Roberto, Cilas, Marcia Moreira,
Pedro M. Machado,Mimosa, Beth e Marcus De Lamonica(SEC),
Amplisom, Nanduca, Ana Gita, Tania Helena, Hugo Rodas,
Ida, Sérgio, Analuce, Nelson e outros que acreditaram e nos deram força.

Labim/UFRN

CONSIDERADO PELA CRÍTICA O MELHOR
ESPETÁCULO
TEATRAL DO ANO PRODUZIDO EM BRASÍLIA

O EXERCÍCIO

DE LEWIS JOHN CARLINO
Direção de B. DE PAIVA

com
GUILHERME REIS e
IARA PIETRICOVSKY

UM TRABALHO EM HOMENAGEM À
GLAUCE ROCHA

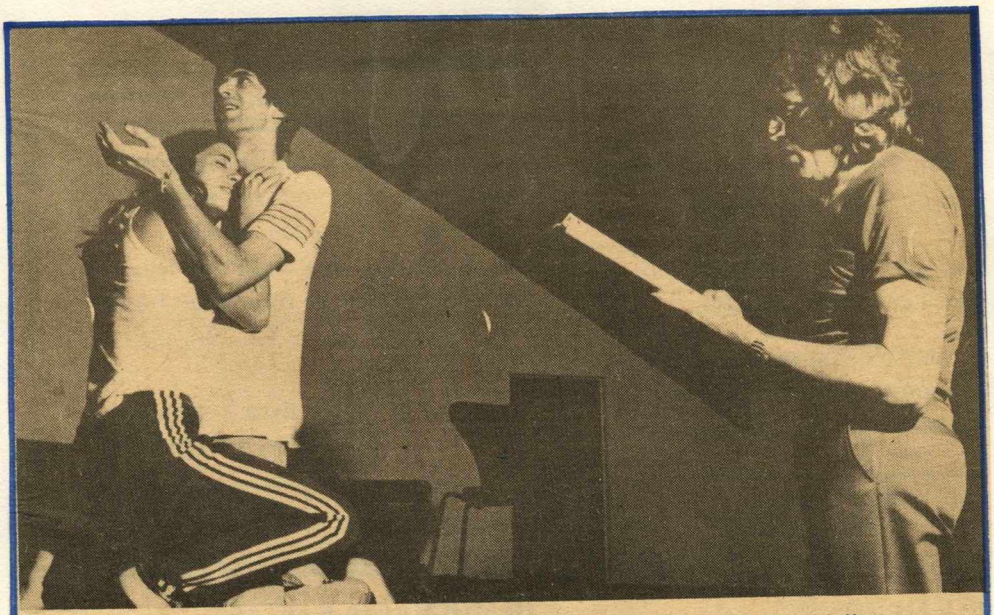
TEATRO ALBERTO MARANHÃO
DIAS 09 E 10/MARÇO/82 – 21 HORAS

PROMOÇÃO:
ASSOCIAÇÃO DOS FUNCIONÁRIOS
DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
– AFURN –

Labim/UFRN

A REPÚBLICA

DOMINGO, 07/03/1982



Os atores Guilherme e Iara e o diretor B. de Paiva, da peça "O Exercício".

O Exercício

Nos dias 9 e 10, no Teatro Alberto Maranhão, os natalenses amantes do teatro terão a oportunidade de ver a peça "O Exercício" de Lewis John Carlino, dirigido por B. de Paiva. No elenco Guilherme Reis e Iara Pietricovsky. Este espetáculo é considerado pela crítica de Brasília como o melhor espetáculo do ano. Vamos ao teatro!

teremos uma entrevista maravilhosa com a primeira dama da cidade do Natal, Anita Catalão Maia, além de uma grande produção de moda e matéria interessantes sobre o movimento de arte do nosso Estado.

Labim/UFRN

DIAS: 14 e 28 de março de 1982

O Grupo de Teatro do SESI/DR/RN, apresentou nas datas acima citadas, às 21:00 horas a peça de Molière" Médico a Força " sob a direção de Jesiel Figueiredo.

DIAS: 26 e 27 de março de 1982

Nestes dias, às 21:00 horas, foram apresentados o show musical intitulado " Retrospectiva " com o ator-Zezo dublando Ney Matogrosso.

ooo

Labim/UFRN

A peça de Hoje é:

MÉDICO À FORÇA

Autor - Molière

Diretor - Jesiel Figueiredo

Produtor -

TEATRO DO SESI DE NATAL/82

ELENCO

Karla Munai - "Lucinda"

Carminha Dantas - "Jaquelina"

Josilda Ferreira - "Martinha"

Eliseu Honorato - "Roberto"

Ailton de Lima - "Valério"

Pinho Martinelli - "Lucas"

Assis Melo - "Gerente"

Marcos Freire - "Leandro"

Amadeu Gomes e

João Barbosa - Figurantes

MARCOS BULHÕES -"Sganarello"
gentilmente cedido pelos ARTISTAS UNIDOS, grupo dirigido por Jesiel Figueirêdo.

FICHA TÉCNICA

Assistente de Direção: Eliseu Honorato
Som e Luz - Amadeu e João Barbosa
Figurinos e Arranjo Cênico - Jesiel
Coordenação de Cultura: Hilda Peixoto
Estagiária - Mirtes Fernandes
Chefe da Divisão Técnica - Clecí Alves
SUPERINTENDENTE - MARCOS EMÍLIO ARANHA

Labim/UFRN

A REPÚBLICA SÁBADO, 27/03/1982

Zezo, em "Retrospectiva" hoje no Alberto Maranhão

Com um repertório variado, sintetizando toda a carreira do cantor Ney Matogrosso, o ator natalense Zezzo exibe hoje às 21 horas, no Teatro Alberto Maranhão - TAM, o show de dublagem intitulado Retrospectiva. Apresentado algumas vezes, em Natal e interior, o espetáculo volta agora com uma nova roupagem, mostrando músicas desde a época dos Secos e Molhados até a recente Homem com H.

Tem participação especial no show o ator Nildo interpretando Gal Costa e Marília Pera, além de dois bailarinos, Costa Filho e Iran. Com novo figurino, adereços e cenários, Restrospetiva homenageia grande ídolos da música brasileira, especialmente Cármen Miranda.

Ao todo o repertório é composto de 28 músicas gravadas por Ney Matogrosso, inclusive três inéditas que serão incluídas pelo cantor no seu próximo Lp: Planeta Sonho e Taí. Um dos grandes momentos de Retrospectiva acontece quando Zezzo, ao lado de Nildo, dublam Espinha de Bacalhau, além de outras como London London e Homem com H. Em clima de festa o show termina com muita agitação, lembrando as antigas revistas de teatro.



Labim/UFRN

Labim/UFRN